

Laboratórios de investigação médica do HCFMUSP: um novo caminho a partir da reforma universitária de 1968

*Medical investigation
laboratories of
HCFMUSP: a new
path from the 1968
university reform*

**Patrícia Manga
Silva Favaretto¹
André Mota²**

1.
Assistente Técnico de Saúde II
dos Laboratórios de Investigação
Médica do HCFMUSP. Graduada
em Ciências Farmacêuticas
Ribeirão Preto – USP. Titulação:
Mestranda do Programa
de Medicina Preventiva da
Faculdade de Medicina da USP.
Contato: patricia.favaretto@
hc.fm.usp.br

2.
Professor do Departamento
de Medicina Preventiva da
Faculdade de Medicina da
USP/Coordenador do Museu
Histórico da FMUSP. Graduação
em Bacharelado em História
– USP. Doutor em História
Econômica – Universidade de
São Paulo USP Contato: andre-
mota13@gmail.com

Resumo

O artigo refaz a trajetória de criação dos Laboratórios de Investigação Médica (LIM) do HCFMUSP, ensejada pelas medidas da Reforma Universitária de 1968 aplicadas à Faculdade de Medicina da USP. Os LIM desenvolvem pesquisa básica e aplicada em diversos campos das ciências da saúde, além de métodos diagnósticos. Até a Reforma Universitária, essas atividades de pesquisa transcorriam nos departamentos básicos da FMUSP, articuladas com os departamentos aplicados, que se estabeleceram no HCFMUSP desde sua criação, em 1944. Os departamentos básicos, com seus laboratórios e salas de aula, ocupavam quase todo o edifício sede da FMUSP. Com a Reforma Universitária, esses departamentos foram transferidos para o *campus* da Cidade Universitária, onde nuclearam, sobretudo, o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), provocando um vácuo entre lideranças científicas e no espaço físico na Faculdade.

Palavras-chave

Laboratórios/história; Laboratórios/organização & administração; Pesquisa; História da medicina, História da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Abstract

The article retraces the creation path of the Medical Investigation Laboratories (LIMs) of HCFMUSP, motivated by the measures from the 1968 University Reform applied to USP's Medical School. The LIMs develop basic research, applied to various fields of the health sciences, as well as diagnosis methods. Up to the University Reform, these research activities were conducted in the basic departments of FMUSP, in conjunction with the applied departments, which existed at HCFMUSP since its foundation, in 1944. The basic departments, along with their labs and classrooms, occupied almost the entire headquarters building of FMUSP. With the University Reform, these departments were transferred to the main campus (Cidade Universitária), where they nucleated, above all, the Institute of Biomedical Sciences (ICB), causing a vacuum amongst scientific leaderships and in the school's physical space.

Keywords

Laboratories/history; Laboratories/organization and management; Research; History of Medicine, History of University of São Paulo Medical School (FMUSP).

Introdução

Os Laboratórios de Investigação Médica do HCFMUSP (LIM) foram criados pelo Decreto n. 9.720, de 20 de abril de 1977 (São Paulo, 1977), que tornou oficial o Regulamento do Hospital das Clínicas da FMUSP (HCFMUSP). Por esse instrumento, estabeleceram-se as diversas unidades especializadas do HCFMUSP e, entre elas, os LIM. Trata-se de um conjunto de 62 unidades laboratoriais de pesquisa vinculado administrativamente ao HCFMUSP e academicamente à Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). A vinculação acadêmica determina que seu diretor geral é o próprio diretor da FMUSP, e a designação

dos responsáveis pelos laboratórios compete aos Conselhos dos Departamentos da FMUSP.

A maioria desses laboratórios fica no prédio da FMUSP, e algumas unidades estão distribuídas entre os diversos institutos do HCFMUSP: Instituto Oscar Freire e Instituto de Medicina Tropical I e II da USP. Esse conjunto heterogêneo atua nos diversos campos das ciências da saúde desenvolvendo pesquisa básica e aplicada, além de métodos diagnósticos.

Nos laboratórios, que reúnem um total de 212 grupos de pesquisa, atuam em torno de 1.700 pesquisadores vinculados às diversas instituições que compõem o Sistema FMUSP-HC. Em conjunto, os LIM produziram, em 2015, mais de 1.600 artigos originais publicados em periódicos indexados nas bases da Web of Science, e atuam também na formação de recursos humanos para pesquisa, contando com investimento de agências, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), entre outras fontes.

Essa pujança na produção de conhecimento tem lugar numa estrutura que compõe o HCFMUSP, vincula-se academicamente à FMUSP e tem uma distribuição transversal pelas diversas unidades do Sistema FMUSP-HC. Tal configuração e seus resultados indicam o êxito do diálogo próximo entre a atividade de pesquisa científica e o dia a dia de um hospital de alta complexidade como o HC.

Entretanto, até a Reforma Universitária de 1968, a atividade científica, sobretudo nas áreas básicas, transcorreu no interior dos departamentos da FMUSP, responsáveis por essas disciplinas. Com a aplicação das medidas previstas na Reforma, os departamentos básicos foram deslocados para nuclear principalmente o Instituto de Ciências Biomédica (ICB), no *campus* da Cidade Universitária. Desse modo, perdia-se o modelo de ensino adotado pela FMUSP desde sua criação, que abrigava sob o mesmo teto as disciplinas básicas e aplicadas e que integrava o ensino à pesquisa científica.

Adotado por Arnaldo Vieira de Carvalho e aplicado à Faculdade de Medicina no início do século XX, esse modelo se apoiava em bases científicas e voltava-se para a prática laboratorial, diferentemente do que ocorria na época. A opção do Dr. Arnaldo por esse modelo inovador deveu-se a suas referências anteriores, notadamente a partir de sua formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, por ocasião da reforma de seu Estatuto, em 1884, incorporou ao currículo a prática laboratorial e a pesquisa científica, com base no modelo das universidades alemãs. Arnaldo ainda se valeu de seus contatos e vivências profissionais nos ambientes de saúde de São Paulo, sobretudo no Instituto Vacinogênico, onde desenvolveu novos métodos de produção de vacinas pautados na prática experimental e nos paradigmas científicos estabelecidos internacionalmente (Edler, 2014, p. 150-153/154/170).

O modelo proposto por Arnaldo foi afiançado pelo quadro de docentes estabelecido para a Faculdade, que contou com professores vindos do exterior e que representavam importantes lideranças científicas em suas respectivas áreas. A consolidação desse projeto culminou com os acordos estabelecidos com a Fundação Rockefeller – iniciados em 1916 e concluídos em meados da década de 1920 –, que fortaleceram o caráter científico e laboratorial adotados e ensinaram a construção do edifício sede da FMUSP, equipado com diversos laboratórios e salas de aula para as disciplinas básicas (Marinho; Mota, 2012, p. 73).

Ao longo da década de 1930 até fins da década de 1950, a Faculdade de Medicina consolidou seu projeto. Em 1934, incorporou-se à Universidade de São Paulo, e desenvolveram-se as cadeiras básicas, assim como as cadeiras aplicadas se alocaram no Hospital das Clínicas, a partir de sua inauguração, em 1944. As atividades de ensino e pesquisa tomaram vulto e levaram à projeção internacional da FMUSP, que em 1951 foi incluída entre as melhores escolas médicas do mundo pela Associação Médica Americana (Marinho; Mota, 2012, p. 111).

Assim, a FMUSP se pôs em velocidade de cruzeiro rumo à consolidação de seu modelo, até os primeiros anos da década de 1960. Em 1968, com a edição da Reforma Universitária e a aplicação de suas medidas, se impõe à FMUSP uma importante ruptura institucional, que abalou a tradição do ensino médico e da pesquisa científica construída ao longo de sua existência.

Nesse complexo contexto, este estudo histórico desvela a trajetória, até aqui desconhecida, dos diversos atores institucionais na busca de soluções e que culminaram na criação dos LIM.

Reforma Universitária na FMUSP: antecedentes e implicações (1966-1969)

O processo do desenvolvimento até a aplicação da Reforma Universitária desenrolou-se num período conturbado da história nacional, marcado por tensões e crises das mais significativas, que culminaram no golpe civil-militar de 1964. Uma vez no poder, os militares tomam medidas de caráter coercitivo, legitimadas por Decretos e Leis *ad hoc*, para afastar a “ameaça” que representavam especialmente as organizações sindicais e de trabalhadores rurais, mas também as universidades, consideradas lugares de formação de grupos de esquerda. Violentas e repressivas, essas medidas vigoraram desde o início, o que desmente o perfil “moderado” imputado ao primeiro presidente militar, o gen. Humberto de Alencar Castelo Branco (Fico, 2004, p. 33; Saviani, 2008, p. 295-6; Martins, 2009, p. 18-9; Motta, 2014, p. 23).

Na USP, o expurgo, posto em prática pelo governo militar, atinge professores e cientistas dos mais ilustres, ligados à pesquisa básica e de renome internacional, que teriam apoiado a gestão do reitor Antônio Barros de Ulhôa Cintra. Durante sua gestão, de 1963 a 1967, Ulhôa Cintra promoveu ações modernizadoras, que incluíam o incentivo à pesquisa básica, a dedicação docente em tempo integral e uma visão de universidade comprometida com os interesses e as necessidades do país (Adusp, 2004, p. 10-1/22-3).

3. Carlos da Silva Lacaz foi vice-diretor da FMUSP em 1963-70 e 1978-82 e diretor em 1974-78. Foi diretor da Escola de Enfermagem da USP de 1979 a 1983. Criou o Instituto de Medicina Tropical da USP em 1959, e, em 1977, o Museu Histórico da FMUSP, que dirigiu até 2002, ano de seu falecimento. Foi secretário de Higiene da Prefeitura do Município de São Paulo entre 1971 e 1972. Com a Reforma Universitária, foi transferido para o ICB, mas voltou à FMUSP para ocupar o cargo de professor titular do Departamento de Medicina Tropical e Dermatologia, criado em 14 de junho de 1972, por meio de um decreto do governador (FMUSP, v. 8, 30 jul. 1972, p. 276; Begliomini, [s.d.]; Mota; Marinho, 2007, p. 126-7).

4. O prof. Alberto Carvalho da Silva foi catedrático da cadeira de Fisiologia da FMUSP e, mais tarde, seria aposentado compulsoriamente por meio do Ato Institucional n. 5, promulgado em dezembro de 1968. Foi importante liderança científica e teve grande atuação na Fapesp, onde desempenhou atividades como diretor-científico, diretor-presidente e vice-presidente do Conselho Superior (Adusp, 2004, p. 45/58; Marcolin, 2002).

5. O prof. Isaias Raw, professor da FMUSP e cientista destacado na área de bioquímica, foi preso pelo regime militar, em julho de 1964. Recebeu o apoio de membros da comunidade científica nacional e mais intensamente da internacional. O Comitê Central do Congresso Internacional de Bioquímica, um grupo de cientistas notáveis da área – entre eles, vários agraciados com o Prêmio Nobel –, encaminhou telegrama ao presidente Castelo Branco com manifestação de apoio e solidariedade ao prof. Raw. Em 1969, foi aposentado compulsoriamente, após a promulgação do AI 5 (Candotti, 1998, p. 216; FMUSP, ago. 1964, p. 47-47v).

Nesse contexto interno de perda de lideranças acadêmicas e diante do ambiente externo onde irrompiam os movimentos estudantis – que se radicalizavam à medida que aumentava o número de “excedentes”, alunos aptos mas impedidos de fazer um curso em razão da falta de vagas – têm início na USP debates para sua modernização, momentos antes da implantação da Reforma Universitária. Esses debates foram encaminhados pela Comissão de Reestruturação, nomeada pelo vice-reitor Mário Guimarães Ferri, em 1967. Participava da Comissão, como representante da Faculdade de Medicina, Carlos da Silva Lacaz,³ então professor catedrático de Microbiologia e Imunologia da FMUSP, que levou a discussão a sua unidade (Adusp, 2004, p. 34; Motta, 2014, p. 64/67/102).

Os temas da reestruturação da universidade discutidos na Comissão suscitaram debates candentes na FMUSP. Professores mais progressistas como Alberto Carvalho da Silva⁴, catedrático de Fisiologia, Antônio Barros de Ulhôa Cintra, catedrático de Endocrinologia, Isaias Raw,⁵ catedrático de Bioquímica e Guilherme Rodrigues da Silva, catedrático de Medicina Preventiva defendiam uma maior integração do ensino médico ao *campus* da Cidade Universitária. Em reunião da Congregação da FMUSP, de 13 de maio de 1968, afirma o prof. Isaias Raw, “um mínimo aceitável de reforma seria a criação de um curso básico servindo a diversas escolas afins, como medicina veterinária, farmácia, odontologia, biologia etc.” (FMUSP, v.7, 13 maio 1968, p. 247v).

Essa posição estava alinhada com as propostas debatidas e encaminhadas no âmbito da Comissão de Reestruturação da USP, e que findaram na recomendação de que a Universidade deveria criar organismos que reunissem setores afins de suas diversas instituições visando Ao ensino e à pesquisa (FMUSP, v.7, 17 jun. 1968, p. 257-257v).

Essa recomendação implicaria a centralização das cadeiras básicas das diversas unidades da USP em institutos básicos, o que se efetivou na proposta da Comissão apresentada num relatório que ficou

6. O trabalho foi iniciado na gestão de Mário Guimarães Ferri e finalizado na gestão de Hélio Lourenço de Oliveira, seu sucessor na vice-reitoria da USP, quando são instituídas as comissões paritárias, compostas por docentes e alunos, que também apresentaram propostas para o projeto (Adusp, 2004, p. 37-8).

conhecido como Relatório Ferri.⁶ Por esse relatório ficaria também determinada “a organização departamental, a extinção do regime de cátedras e a criação de uma carreira docente” (Motoyama, 2006, p. 157).

Apesar do apoio das lideranças progressistas, a medida de transferência dos departamentos básicos da FMUSP foi rechaçada pela maioria dos professores, em reunião da Congregação da FMUSP, de 27 de junho de 1968, quando se posicionaram favoráveis à formação integral dos médicos, sendo assim indissociáveis o ensino básico e o aplicado (FMUSP, v. 7, 27 jun. 1968, p. 260v-261). Nesse conturbado contexto institucional, promulgam-se a Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968, que tornava efetiva a Reforma Universitária, e, em seguida, o Decreto-lei n. 464, de fevereiro de 1969, que estabeleceu o prazo de 90 dias para que todas as universidades se adequassem às mudanças previstas. Com essa Lei, o sistema de cátedras é substituído pelo departamental – sendo o departamento a unidade básica de ensino e pesquisa – e se implantam o vestibular unificado, o sistema de créditos, a matrícula por disciplina, as disciplinas semestrais, o ciclo básico, o regime de tempo integral para docentes e ainda se estabelece a pós-graduação (Motta, 2014, p. 106).

Tais recomendações, muitas das quais já integravam o Relatório Ferri, foram aplicadas ao Estatuto da USP, aprovado pelo Decreto n. 52.326, de 16 de dezembro de 1969, provocando um grande abalo na estrutura da Universidade, pois, com a extinção das cátedras e a criação dos departamentos, rompiam-se os processos de centralização de poder que elas envolviam e a conseqüente dinâmica de relações e tradições (Tavano, 2015, p. 86-7). Além disso, com a criação de ciclos básicos e a proibição da “duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes”, prevista no Artigo 11 dessa lei, as disciplinas básicas das diversas unidades da USP passariam a compor os recém-criados Institutos Básicos. No caso da FMUSP, com o deslocamento de quase todos os departamentos básicos para a Cidade Universitária, onde integraram principalmente o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), houve, na

7. Segundo Lacaz (1985, p. 5) a partir de 1915, várias cadeiras clínicas da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (atual FMUSP) se instalaram nas dependências da Santa Casa de Misericórdia e nela se desenvolveram até a inauguração do Hospital das Clínicas da FMUSP, em 1944, para onde foram transferidas.

visão de vários professores, “uma mutilação” de sua estrutura (Lacaz, 1985, p. 55).

Assim, a FMUSP enfrenta a grave ameaça de interromper a frutífera interação entre as disciplinas aplicadas, a maioria sediada no Hospital das Clínicas⁷ desde 1944, data de sua inauguração, e as básicas, que ocupavam o prédio da Faculdade. Essa ruptura punha em risco o desenvolvimento do ensino e da pesquisa aplicada, já que as disciplinas profissionalizantes contavam com a próxima colaboração das básicas para o desenvolvimento da pesquisa científica, e, por outro lado, as disciplinas básicas encontravam motivação nos problemas e desafios trazidos pela prática médica. O descompasso introduzido nessa relação representava forte abalo na tradição científica construída ao longo da história da “Casa de Arnaldo” e um possível fracasso do ensino médico, o que levaria à perda da identidade institucional (Marinho; Mota, 2012, p. 143; Tavano, 2015, p. 91-2).

Além disso, a transferência dos departamentos para o ICB levou à liberação de áreas no prédio da FMUSP, e esse vazio teria um peso simbólico profundo, profanando não só a tradição envolvida na conquista do edifício sede – e sua ocupação com diversos laboratórios de pesquisa das cadeiras básicas –, como a estruturação do ensino e da pesquisa pautados na integração das disciplinas fundamentais com as aplicadas (Corbett, 1970; Tavano, 2015, p. 92; Marinho; Mota, 2012, p. 143).

Uma vez definida a saída dos departamentos básicos da FMUSP, Ulhôa Cintra faz um importante pronunciamento na reunião da Congregação de 13 de março de 1970. Como outros, ele havia apoiado a Reforma, mas não nos moldes como fora aplicada à Faculdade de Medicina, culminando na transferência dos departamentos básicos. Nesse pronunciamento, colocou que não concordava com esse desconcerto da Medicina e que considerava indispensável uma nova reestruturação, em que ela exercesse sua legítima liderança, corrigindo os erros da Reforma (FMUSP, v. 8, 13 mar. 1970, p. 83v-84).

8.
Em 1999, em carta a Lacaz, César Timo-Iaria afirma ter conversado com o diretor da FMUSP, Paulo de Almeida Toledo, sobre a criação de laboratórios em substituição aos dos departamentos básicos, quando soube do iminente esvaziamento do prédio e da possibilidade de usá-lo para outros fins. Timo-Iaria foi professor do Departamento de Fisiologia da FMUSP e, em 1973, transferiu-se para a Cidade Universitária em atendimento a medidas da Reforma (Timo-Iaria, 1999).

Essas ideias impulsionam uma mobilização, entre de fins de 1970 e 1973, para reparar os danos causados pela Reforma. Apesar do posicionamento modernizador de Ulhôa Cintra, que não encontrava unanimidade entre seus pares, sua fala ensejou um consenso momentâneo com seus opositores e, assim, alimentou a discussão. Esta incluiu na pauta de retomada da liderança a necessidade de reorganizar os espaços liberados pelos departamentos transferidos e de angariar verba para esse fim, levada ao debate por Charles E. Corbett, professor titular do departamento de Clínica Médica e que mais tarde seria nomeado presidente da Comissão de Organograma da FMUSP (FMUSP, v. 8, 15 maio 1970, p. 94; Tavano, 2015, p. 83-4).

Na opinião dos professores que repudiavam as medidas da Reforma Universitária, as estruturas da tradição científica e de excelência do ensino médico haviam sido seriamente abaladas. Restava-lhes discutir alternativas que atenuassem o impacto da ausência dos departamentos básicos e de seus professores no ensino e na atividade científica.

Solução intramuros: a criação dos Laboratórios de Investigação Médica

A discussão de ações internas que mitigassem os efeitos da perda dos departamentos das disciplinas básicas logo toma lugar na FMUSP. Ulhôa Cintra sugere ao Conselho de Administração do HCFMUSP uma medida legal: a transferência de laboratórios vinculados aos departamentos que permaneceram na FMUSP, então sediados no Hospital das Clínicas, para o prédio que se encontrava agora vazio (FMUSP, v. 8, 15 jun. 1970, p. 99v).

E urgia chegar a uma solução, pois a liberação de grandes áreas no prédio da FMUSP levou à especulação sobre seu uso por órgãos da administração pública como o Departamento de Investigações do Estado.⁸ Era imperativo ter um projeto de recuperação e de uso dessas áreas, e a resposta estava nos departamentos e nas atividades a eles adstritas.

A atividade de pesquisa desses departamentos poderia ser acomodada nos espaços agora

vagos. Assim, o passo seguinte foi criar Centros Interdepartamentais Intraunidades, que organizariam os núcleos de pesquisa dos departamentos, inclusive os sediados no HC. Prevista no Regimento da USP, essa organização visava a prover condições para o desenvolvimento de pesquisa, ensino – de graduação e pós-graduação – e atividades de extensão (FMUSP, v. 8, 22 set. 1972, p. 31v-32).

A distribuição dos espaços ficou a cargo da Comissão de Redistribuição de Áreas da FMUSP, presidida por Charles E. Corbett. Centralizando os pedidos de área física, a Comissão estabeleceu que os espaços seriam prioritariamente cedidos para a instalação de laboratórios de pesquisa clínica e experimental que já houvessem demonstrado capacidade de produção e fossem pertencentes aos departamentos da FMUSP, e que não seria possível atender a pedidos externos (Corbett, 1973).

Para dar sequência à implantação e organização dos núcleos de pesquisa nos espaços da FMUSP, o então diretor, Carlos da Silva Lacaz, nomeia, em 1974, a Comissão dos Laboratórios de Investigação Clínica, que seria presidida por Ulhôa Cintra e também deveria avaliar a implantação de novos núcleos dos departamentos interessados na continuidade das atividades de pesquisa (FMUSP, v. 9, 20 nov. 1974, p. 241v).

Nesse mesmo período em que ocorrem os primeiros debates e ações na FMUSP para a reestruturação da pesquisa, o Hospital das Clínicas foi acionado para prover apoio aos núcleos de pesquisa que se estabeleciam. Os pedidos iniciais de apoio chegaram ao superintendente, Dr. Oscar César Leite, por meio do contato de médicos do hospital que desenvolviam atividades de pesquisa em áreas cedidas pelos departamentos básicos e que se viram sem condições de continuidade de suas atividades, após a transferência dos mesmos para o ICB (Machado, 2003, p. 5).

Essa interação entre docentes e médicos do HCFMUSP com as disciplinas básicas e seus laboratórios, para a realização de pesquisa aplicada e experimental, intensificou-se desde a inauguração do hospital, em 1944. Ainda nessa linha, com

9. Luiz Venere Décourt foi professor titular de Clínica Médica da FMUSP de 1950 a 1981 e responsável pelo grupo clínico do primeiro transplante cardíaco realizado no Brasil e segundo no mundo, por Euryclides de Jesus Zerbini, com quem idealizou o Instituto de Coração do HFMUSP (Begliomini, [s.d.]b).

10. Trata-se de procedimento interno do HC para organizar documentos. Esse processo foi aberto em 14 de agosto de 1972, sob o número 4.378/72/G, contém documentos que abrangem o período de 1972 a 1983 e integra a acervo do Hospital das Clínicas.

o desenvolvimento da medicina tecnológica, implantaram-se alguns laboratórios no Hospital das Clínicas por ação de professores da FMUSP, para atender às demandas da especialização médica e como resultado do aprimoramento que eles buscavam no exterior. Esse foi o caso de Ulhôa Cintra, que implantou no HC o Laboratório Metabólico da Primeira Clínica Médica, após sua estada no Massachusetts General Hospital, Harvard Medical School, onde esteve durante a Segunda Guerra Mundial (Medeiros-Neto, 1999, p. 146).

Assim, era de esperar que o HCFMUSP também se sentisse atingido pela transferência dos departamentos básicos para o ICB, já que se deixaria de beneficiar do fecundo relacionamento com a FMUSP e prejudicaria os padrões de sua assistência.

Além das iniciativas isoladas para busca de apoio, em 7 de agosto de 1972, Luiz Venere Décourt,⁹ professor titular do departamento de Clínica Médica, encaminha solicitação formal ao superintendente do HCFMUSP, Oscar César Leite, para a criação do Laboratório de Investigação de Doenças do Tecido Conectivo, que seria vinculado à Seção de Reumatologia do Departamento de Clínica Médica da FMUSP. Proposto para desenvolver pesquisa clínica e experimental, esse laboratório já ocupava uma área no Núcleo de Integração Faculdade-Hospital das Clínicas, no prédio da FMUSP, recebia auxílio do HC e seria também local de treinamento de alunos da FMUSP e profissionais do HC (Décourt, 1972).

Considerando o caráter oficial do pedido e as questões de financiamento envolvidas, o superintendente providencia a abertura de um processo interno¹⁰ em que consta toda a documentação, as informações e providências cabíveis na criação do Laboratório de Investigação de Doenças do Tecido Conectivo.

Oscar César Leite consultou o diretor da FMUSP, Paulo de Almeida Toledo, sobre o Núcleo de Integração Faculdade-Hospital, mencionado no pedido de Décourt, e quem responde é Charles E. Corbett, então presidente da Comissão de Organograma da Terapêutica Clínica:

(1) O “Núcleo de Integração Faculdade-Hospital das Clínicas” foi constituído graças à colaboração do Hospital das Clínicas e foi inaugurado solenemente aos 16 de dezembro de 1971 pelo senhor Diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Paulo de Almeida Toledo, com a presença do Dr. Oscar César Leite, Superintendente do Hospital das Clínicas, Prof. Luiz Venere Décourt, Diretor do Departamento de Clínica e outras autoridades. (2) O Laboratório para Investigação das Doenças Difusas do Tecido Conectivo encontra-se já em funcionamento em dependências do Núcleo acima citado e em laboratórios cedidos pela Terapêutica Clínica da Faculdade de Medicina, conforme planta anexa (fls. 4), elaborada pelo Serviço de Engenharia desta Faculdade. (4) Graças à colaboração do Hospital das Clínicas, já se conseguiu apreciável quantidade de material permanente e de consumo, de modo que estão em execução técnicas como a de imunofluorescência, estando em preparo e estudo outras técnicas, que dependerão não só de material, como também da colaboração de pessoal adequado, já solicitado ao senhor Superintendente do Hospital das Clínicas. (4). Convém ainda acrescentar que a Comissão do organograma estudará a possibilidade de se ampliarem as instalações desse laboratório, desde que já está em pleno funcionamento e terá possibilidade de se associar a planos científicos de outros Departamentos (v. informações fls. 5), e contando, ainda, com auxílios de outras entidades, estaduais e federais (HCFMUSP, 1972, p. 8).

Com a explicação de Corbett, fica evidente que o laboratório estava em plena produção, que contava com suporte de recursos do HC e já ocupava um lugar no prédio da FMUSP. Nessa lógica, o superintendente solicita um parecer, que seria elaborado por sua assessora e relatora dessa pauta, Sra. Clarice Ferrarini, para subsidiar o atendimento ao pedido. Nos pontos que levanta o parecer da Sra. Ferrarini, de 11 de julho de 1973, fica clara a necessidade de regularizar a situação, já que o Hospital estaria cedendo recursos materiais e humanos à FMUSP. Nessa

ocasião, vários laboratórios do HC estariam desenvolvendo atividades no prédio da FMUSP e pacientes internados e ambulatoriais, atendidos por eles para provas funcionais e coleta de material, o que levava à necessidade de um convênio entre as instituições (HCFMUSP, 1972, p. 10v).

Para celebrar o convênio, o superintendente nomeia uma comissão composta por Linneu Geraldo Genovevi Pires, assistente técnico de direção III, Marcello Marcondes Machado, médico assistente, Armando de Aguiar Pupo, médico assistente, Edoília Maria Teixeira, enfermeira chefe, e Silvina Adelia de Santis, encarregada de setor. A primeira minuta do convênio foi encaminhada ao superintendente em outubro de 1973, com importantes considerações:

O doente constitui o estímulo mais poderoso ao desenvolvimento da investigação médica, e nesta repousa, a um só tempo, a eficiência do ensino que se realiza no doente e a qualidade da assistência médica que se fornece ao doente. Desse modo, o doente, móvel da investigação médica, apresenta-se como o principal beneficiário da investigação que motivou. [...] Duas instituições com subordinações diferentes ao governo do estado de São Paulo, o Hospital das Clínicas e a Faculdade de Medicina, têm se associado para prover assistência aos doentes e ensino aos alunos, bem como para gerar conhecimento científico através de pesquisa. Por força da Reforma Universitária, vários Departamentos desligaram-se da Faculdade e transferiram-se para o Instituto de Ciências Biomédicas, na Cidade Universitária. Em virtude desta transferência, o Hospital das Clínicas perde muito das bases que sustentavam a investigação experimental. Por outro lado, o Hospital das Clínicas, dado o seu grande crescimento, a exigir desenvolvimento acelerado da pesquisa experimental cuja demanda a Faculdade já não pode mais atender, não tem outra alternativa senão de impor-se a si mesmo a tarefa de apoiar e incentivar a investigação experimental de que necessita, através de convênio com a Faculdade de Medicina. Nesta tarefa, médicos do Hospital das Clínicas e docentes da Faculdade de Medicina deverão se associar,

tal como já se associam as Instituições a que eles pertencem, no sentido de desenvolver, de modo mais amplo, a pesquisa e o tratamento médico-científico. O presente convênio, cuja minuta é apresentada em anexo, visa dar o respaldo legal para permitir, nos moldes referidos anteriormente, a devida ampliação da capacidade de ensino, pesquisa e assistência de ambas as instituições, o Hospital das Clínicas e a Faculdade de Medicina (HCFMUSP, 1972, p. 19-21).

O convênio proposto passou por várias reformulações e sua versão final foi aprovada pelo Conselho Técnico Administrativo da USP (CTA), em 11 de julho de 1975, quando passou a vigorar (HCFMUSP, 1972, p. 90/169/229). Em linhas gerais, os objetivos finais do convênio previam o aporte de recursos materiais e técnicos para pesquisa experimental e laboratorial em medicina, a ampliação da capacidade de treinamento técnico-científico de alunos e médicos e a implantação de um apoio experimental à pós-graduação da área médica. Reiteravam que a FMUSP cederia áreas para os Laboratórios de Investigação Clínica e o HC, material de consumo e permanente, bem como pessoal e assistência técnica (HCFMUSP, 1972, p. 90/104-6/169/229; FMUSP, v. 10, 19 dez. 1975, p. 130-1; HCFMUSP, n. 1.504, 1976, item 10º).

Delineava-se, assim, a organização das atividades e responsabilidades das instituições para melhor coordenar os laboratórios. Estabelecidas essas relações, as lideranças institucionais do HC e da FMUSP se mobilizaram para obter recursos para a adequada instalação dos laboratórios. A fim de encaminhar essa pauta, a Comissão de Instalação dos Laboratórios Clínicos visitou os laboratórios instalados e levantou as necessidades de infraestrutura, equipamentos e pessoal. De posse desses dados, definiram-se as estratégias para a obtenção de verbas e, considerando-se a existência do convênio, membros da Comissão e também instâncias deliberativas das instituições envolvidas recorreram ao governo do estado de São Paulo (FMUSP, v. 10, 19 dez. 1975, p. 131-131v).

Como resultado dessas ações, aprovou-se orçamento suplementar ao Hospital das Clínicas para a implantação dos laboratórios na FMUSP, ficando como responsabilidade da Superintendência estabelecer as formas administrativas que viabilizassem o uso dessa verba na Faculdade, uma vez que eram instituições com diferentes vínculos. Além disso, também se passou a buscar alternativas para a contratação de recursos humanos que seriam lotados nos laboratórios (HCFMUSP, n. 1.413, 1974, item 5º; n. 1.432, 1975, item 6º; n. 1.437, 1975, item 2º; n. 1.451, 1975, item 5º; n. 1.456, 1975, item 7º).

A definição do uso da verba coube à Comissão de Instalação dos Laboratórios Clínicos, que deliberou destinar sua maior parte à reforma do prédio da FMUSP, para adaptar suas estruturas hidráulicas, elétricas e eletrônicas às necessidades dos laboratórios, e também do Instituto de Medicina Tropical (IMT), onde também havia laboratórios de pesquisa. O restante do recurso seria utilizado para aquisição de equipamento e contratação de pessoal, conforme levantamento prévio de necessidades (FMUSP, v. 10, 19 dez. 1975, p. 131-2).

A articulação dessas ações gerou impasses e tensões não só de cunho administrativo, quando se apontaram dificuldades na alocação de pessoal do Hospital das Clínicas para a FMUSP, mas também quanto à subordinação dos laboratórios dentro das instituições. Essas questões se põem num momento em que o hospital já vinha desenvolvendo estudos e trabalhos de revisão de seu Regulamento para modernizar sua estrutura administrativa e atender à legislação e às mudanças estabelecidas à FMUSP pela Reforma Universitária (HCFMUSP, n. 1.190, 1970; n. 1.195, 1970).

Diante desse panorama, surge a ideia de incorporar os laboratórios à estrutura administrativa do Hospital das Clínicas – trazida por Ulhôa Cintra em reunião da Congregação da FMUSP de 19 de dezembro de 1975 –, o que resolvia a alocação de pessoas e recursos, mas, por outro lado, significava organizá-los conforme suas demais unidades, com características de um instituto, e, portanto

subordiná-los ao hospital. Isso gerou tensões na Congregação da FMUSP, já que comporiam o referido instituto não só os laboratórios pertencentes à estrutura do HC, mas também os seus próprios, vinculados aos departamentos. Nessa linha, em ofício encaminhado ao Conselho de Administração do HC em abril de 1976, a Congregação faz notar que, além de ser irregular,

a transferência dos Laboratórios de Pesquisa submeteria a pesquisa da Faculdade de Medicina a um cerceamento de liberdade [...] [e interferiria] no programa de ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade de cada Departamento integrante da Faculdade de Medicina [...] [cerceando] a liberdade da pesquisa em decorrência da estrutura administrativa do Hospital das Clínicas (FMUSP, v. 10, 30 abr. 1976, p. 172v-173).

Fica clara a posição da Congregação quanto à ameaça que a vinculação ao HCFMUSP representava à autonomia relativa ao desenvolvimento da atividade científica dos laboratórios, inerente à Universidade. Após esse encaminhamento, a questão foi acomodada também numa reunião da Congregação, em 24 de setembro de 1976, conforme informado por Lacaz, diretor da FMUSP:

[...]. Com a saída das cadeiras básicas desta faculdade, fruto da Reforma Universitária, a Diretoria e o Conselho de Administração do Hospital das Clínicas iniciaram gestão no sentido de ser implantados os referidos laboratórios, alguns já em franco desenvolvimento e outros em vias de implantação. Esses laboratórios estarão subordinados à Diretoria da Faculdade de Medicina e, em segundo lugar, ao Chefe dos Departamentos ou disciplinas a que eles estão enquadrados. A Diretoria tem recebido do Hospital das Clínicas valiosa ajuda, quer em material, quer em equipamentos, como também pessoal de nível para-universitário e mesmo pessoal médico do Hospital das Clínicas (FMUSP, v. 10, 24 set. 1976, p. 225v-226).

Após um longo período de desenvolvimento, a proposta final do Regulamento do Hospital das Clínicas da FMUSP foi aprovada pelo Decreto n. 9.720, de 20 de abril de 1977, pelo qual os laboratórios passam a figurar como uma de suas unidades, com a denominação Laboratórios de Investigação Médica (LIM), mas sem a designação de instituto.

A direção superior dos LIM foi definida mantendo-se a subordinação à diretoria da FMUSP, que indicaria seu diretor executivo. Ao Superintendente do HC, coube a designação do diretor executivo dos LIM.

No mesmo Decreto, ficam discriminados os laboratórios e suas denominações:

Artigo 593 – Os Laboratórios de Investigação Médica são os seguintes: (I) Laboratório de Bioengenharia; (II) Laboratório de Anatomia Médico-Cirúrgica; (III) Laboratório de Eletromiografia; (IV) Laboratório de Microcirurgia Experimental; (V) Laboratório de Patologia Experimental; (VI) Laboratório de Imunopatologia da Esquistossomose; (VII) Laboratório de Gastreenterologia Clínica; (VIII) Laboratório de Anestesiologia; (IX) Laboratório de Pneumologia; (X) Laboratório de Lípidos; (XI) Laboratório de Investigação Hemodinâmica em Hepatologia; (XII) Laboratório de Pesquisa Básica da Unidade de Doenças Renais; (XIII) Laboratório de Investigação em Hemostasia; (XIV) Laboratório de Investigação Bioquímica de Função Hepática; (XV) Laboratório de Investigação em Neurologia; (XVI) Laboratório de Fisiopatologia Renal; (XVII) Laboratório de Investigação em Reumatologia; (XVIII) Laboratório de Carboidratos e Radioimunoensaios; (XIX) Laboratório de Fotobiologia; (XX) Laboratório de Terapêutica Experimental I; (XXI) Laboratório de Terapêutica Experimental II; (XXII) Laboratório de Cardiologia; (XXIII) Laboratório de Psicofarmacologia; (XXIV) Laboratório de Oncologia Experimental; (XXV) Laboratório de Nutrição Humana e Doenças Metabólicas; (XXVI) Laboratório de Técnica Cirúrgica; (XXVII) Laboratório de Histofisiologia Aplicada; (XXVIII) Laboratório de Patologia Cirúrgica; (XXIX)

11.
Em 18 de setembro de 1978, pelo Decreto n. 12.287, seria incluída mais uma unidade na relação dos LIM, assim discriminada no Artigo 201: “LXII – Laboratório de Fisiopatologia Cirúrgica”.

Laboratório de Metabologia Cirúrgica; (XXX) Laboratório de Metabologia em Cirurgia Pediátrica; (XXXI) Laboratório de Pesquisa Hematológica e Fracionamento do Sangue; (XXXII) Laboratório de Otorrinolaringologia; (XXXIII) Laboratório de Oftalmologia; (XXXIV) Laboratório de Metabolismo de Eletrolitos; (XXXV) Laboratório de Fisiologia e Distúrbios Esfincterianos; (XXXVI) Laboratório de Pediatria Clínica; (XXXVII) Laboratório de Cirurgia Experimental; (XXXVIII) Laboratório de Soro-Epidemiologia; (XXXIX) Laboratório de Processamento de Dados Biomédicos; (XL) Laboratório de Imuno-Hematologia e Hematologia Forense; (XLI) Laboratório de Biomecânica; (XLII) Laboratório de Toxicologia; (XLIII) Laboratório de Radio-Isotopia Clínica; (XLIV) Laboratório de Radiobiologia; (XLV) Laboratório de Neurocirurgia Funcional; (XLVI) Laboratório de Parasitologia; (XLVII) Laboratório de Hepatologia; (XLVIII) Laboratório de Imunologia; (XLIX) Laboratório de Protozoologia; (L) Laboratório de Hemoglobinopatias; (LI) Laboratório de Alergia e Imunopatologia; (LII) Laboratório de Virologia; (LIII) Laboratório de Micologia; (LIV) Laboratório de Bacteriologia; (LV) Laboratório de Uro-Dinâmica; (LVI) Laboratório de Pesquisa em Transplante Renal; (LVII) Laboratório de Fisiologia Obstétrica; (LVIII) Laboratório de Fisiopatologia Ginecológica; (LIX) Laboratório de Biologia Celular; (LX) Laboratório de Dermatologia Experimental; (LXI) Laboratório de Pesquisa em Cirurgia Torácica.¹¹

A vinculação aos departamentos da FMUSP fica estabelecida na medida em que lhes coube, por ação de seus respectivos Conselhos, designar os docentes responsáveis pelos laboratórios a eles vinculados.

O diretor da FMUSP, Carlos da Silva Lacaz, indica Antônio Barros de Ulhôa Cintra para a diretoria executiva dos LIM e, como seu substituto legal, Gilberto Menezes de Góes, e reafirma que essa indicação “virá consolidar a posição e a estrutura dos Laboratórios de Investigação Médica e que irão substituir as cadeiras básicas retiradas da Faculdade de

Medicina pela Reforma Universitária” (FMUSP, v.11, 29 abr. 1977, p. 33).

Pouco antes da publicação do Decreto, as obras do prédio da FMUSP, realizadas com recursos do governo, foram concluídas. Tendo durado aproximadamente dois anos e custado cerca de Cr\$ 38.000.000,00, essa grande reforma foi a primeira realizada após a inauguração do edifício sede da FMUSP, em 1931. Concluída em setembro de 1977, modernizou as redes hidráulica, elétrica e de gás e as galerias pluviais, além de ter instalado um novo sistema telefônico (FMUSP, v. 11, 30 set. 1977, p. 88v).

Os LIM estavam então instalados na FMUSP, no Instituto do Coração, no Centro de Medicina Nuclear, no Instituto Oscar Freire e no Instituto de Medicina Tropical, e se desenvolviam 233 projetos de pesquisa financiados pela Faculdade de Medicina, pelo Hospital das Clínicas, pela FAPESP e pelo Conselho Nacional de Pesquisa, demonstrando pujança da Faculdade, conforme relato de Ulhôa Cintra apresentado aos professores na reunião da Congregação de 28 de outubro de 1977 (FMUSP, v. 11, 18 out. 1977, p. 120-120v).

Considerações finais

Os LIM foram oficialmente inaugurados pelo governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, em 16 de dezembro de 1977. Estavam postas as pedras do caminho a ser trilhado, que oferecia obstáculos e possibilidades à atuação de seus diversos participantes, filiados ao HCFMUSP e à FMUSP. Apoiados pelos termos do Decreto, os LIM desenvolveriam pesquisa básica e aplicada, além de técnicas e métodos laboratoriais. Seus idealizadores tiveram o firme propósito de recuperar as perdas sofridas com a Reforma Universitária e seus reflexos no ensino, na pesquisa e na assistência.

Essa perspectiva consubstanciava a importância da manutenção da produção de conhecimentos no âmbito da FMUSP, que ao longo de sua existência fora amálgama sólida da qualidade de seu ensino e da assistência ao paciente provida pelo HCFMUSP, esteios de sua tradição e identidade.

Nessa perspectiva, a criação dos LIM, que se deu num complexo contexto histórico e envolveu a ação de diversos atores institucionais, provou-se exitosa, haja vista sua potente produção científica dos dias de hoje.

Referências bibliográficas

- Edler FC. Ensino e profissão médica na corte de Pedro II. Santo André: Universidade Federal do ABC; 2014.
- Marinho MGSMC, Mota A (orgs.). Da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: conjunturas e contextos. São Paulo: CD.G; 2012. 2 v.
- Fico C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. 2004; 24(47): 29-60.
- Saviani D. O legado educacional do regime militar. *Cad. Cedes*. 2008; 28(760): 291-312.
- Martins, CB. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. *Educ. Soc*. 2009; 30(106): 15-35.
- Motta RPS. As universidades e o regime militar. São Paulo: Zahar; 2014.
- Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo. ADUSP. O controle ideológico na USP (1964-1978). São Paulo: Adusp; 2004.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. v. 8: abr. 1969 – out. 1972.
- Begliomini H. Carlos da Silva Lacaz. Academia de Medicina de São Paulo. Cadeira n. 53 – Patrono. São Paulo, [s.d.]a [acesso em: 3 fev. 2017]. Disponível em: www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/141/BIOGRAFIA-CARLOS-DA-SILVA-LACAZ.
- Mota A, Marinho MGSMC. Concepções de história e trajetórias institucionais. Museu histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: análise crítica de uma experiência

- (1977-2008). Cadernos de História da Ciência. 2007; 3(2): 123-143.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. v. 7: mar. 1964 – mar. 1969.
- Motoyama S, organizador. USP 70 anos: imagens de uma história vivida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2006. p. 149-176.
- Marcolin N. Um homem, uma convicção. Pesquisa Fapesp (São Paulo), n. 78, ago. 2002. [acesso em: 27 jan. 2017]. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/08/01/um-homem-uma-conviccao/>.
- Candotti E. A SBPC e sua história. In: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Cientistas do Brasil. São Paulo: SBPC; 1998. p. X-XIX.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. v. 7: mar. 1964-mar. 1969.
- Tavano PT. Tramas da tessitura curricular: o curso experimental de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1968-1975). São Paulo. Tese [doutorado] – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2015.
- Lacaz CS. Faculdade de Medicina: reminiscências, tradição, memória de minha escola. São Paulo: Edição do Autor; 1985.
- Corbett CE. Ofício 4/70 a Meira JA. São Paulo, 26 jan. 1970. Apresenta críticas ao Estatuto aprovado pelo Conselho Universitário (mimeo). Acervo do Museu Histórico da FMUSP.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. 1970 mar 13; 8: 83v-84.
- Timo-Iaria C. Carta a Lacaz CS. São Paulo, 25 fev. 1999. Encaminha pedido de apoio à candidatura para uma vaga de membro da Comissão Científica dos Laboratórios de Investigação Médica (mimeo). Acervo do Museu Histórico da FMUSP.

- Corbett CE. Ofício 25/73 a Lacaz CS. São Paulo, 14 mar. 1973. Comunica prazo para pedido de área na FMUSP e estabelece normas para aplicação desses pedidos (mimeo). Acervo do Museu Histórico da FMUSP.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. vol. 9: nov 1972 – abr. 1975.
- Machado MM. 2013. Uma história da Faculdade de Medicina da USP (mimeo). Acervo pessoal de Marcello Marcondes Machado.
- Medeiros-Neto G. Ulhôa Cintra, um pioneiro da moderna endocrinologia. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia (São Paulo). 1999; 43: 146-7.
- Décourt LV. Carta a Leite OC. São Paulo, 7 ago. 1972. Solicita criação do Laboratório de Investigação de Doenças Difusas do Tecido Conectivo e encaminha projeto (mimeo). Acervo do Museu Histórico da FMUSP.
- HCFMUSP. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Processo HC n. 4.378/72/G; 14 ago. 1972.
- Begliomini H. Luiz Venere Décourt. Academia de Medicina de São Paulo. Membro honorário. São Paulo, [s.d.]b [acesso em: 3 fev. 2017]. Disponível em: www.academiamedicinasao-paulo.org.br/biografias/163/BIOGRAFIA-LUIZ-VENERE-DECOURT.pdf.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1972 nov-1975 abr. 9.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.504, 4 de outubro de 1976, item 10º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.413, 16 de dezembro de 1974, item 5º.

- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.432, 13 de maio de 1975, item 6º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.437, 16 de junho de 1975, item 2º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.451, 22 de setembro de 1975, item 5º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.456, 27 de outubro de 1975, item 7º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.190, 20 de maio de 1970, item 6º.
- Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. HCFMUSP. Ata do Conselho de Administração do HCFMUSP n. 1.195, 22 de junho de 1970, item 1º.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. v. 10: maio 1975-nov. 1976.
- São Paulo (Estado). Decreto n. 9.720, de 20 de abril de 1977. Aprova o Regulamento do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [acesso em: 8 fev. 2017]. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1977/decreto-9720-20.04.1977.html>.
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. FMUSP. Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. v. 11: mar. 1977-abr. 1978.

Data de recebimento: 24/02/2017

Data de aprovação: 24/07/2017